



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 23/08/2024 e 29/08/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
23/08/2024	9,52	306,30	41,47	5,02	3,67
26/08/2024	9,59	312,10	41,70	4,98	3,62
27/08/2024	9,67	317,30	41,15	5,08	3,67
28/08/2024	9,58	310,80	41,80	5,14	3,65
29/08/2024	9,73	308,60	43,17	5,25	3,71
Média	9,62	311,02	41,86	5,09	3,66

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	114,00	
RS – Não Me Toque	114,00	
RS – Londrina	119,00	
PR – M.C.Rondon	119,00	
MT – C.N.Parecis	113,00	
MS – Maracaju	122,00	
GO - Rio Verde	120,00	
BA – L.E.Magalhães	112,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	64,00	CIF
Porto de Paranaguá	60,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	55,00	
SC – Rio do Sul	59,00	
PR – M.C.Rondon	50,00	
PR – Londrina	50,00	
MT – C.N.Parecis	40,00	
MS – Maracaju	50,00	
SP – Itapetininga	56,00	
SP – Campinas	60,00	CIF
GO – Rio Verde	47,00	
GO – Jataí	47,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	68,00	
RS – Não Me Toque	68,00	
PR – Londrina	76,00	
PR – M.C.Rondon	76,00	

Período: 28/08/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 29/08/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	59,19	115,82	69,13

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
29/08/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	114,14
Feijão (saco 60 Kg)	292,50
Sorgo (saco 60 Kg)	52,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,60
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,67**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,95

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Julho/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, melhoraram nesta última semana de agosto. O primeiro mês cotado fechou o dia 29/08 (quinta-feira) em US\$ 9,73/bushel, contra US\$ 9,41 uma semana antes. Esta melhoria se deu, em especial, ao forte empuxe do óleo de soja que, entre os dias 27 e 29 de agosto ganhou, em Chicago, 4,9%.

Além disso e do tradicional ajuste técnico após as baixas anteriores, soma-se a revisão para pior nas condições das lavouras dos EUA. Às vésperas do início da colheita, 67% das mesmas estavam entre boas a excelentes no dia 25/08, com recuo de um ponto percentual sobre a semana anterior. Mesmo assim, tais lavouras estão muito melhores do que o registrado no ano passado, quando apenas 58% das mesmas estavam nestas condições. Vale destacar que 89% das lavouras estavam em fase de formação de vagens, contra 88% na média histórica.

Por outro lado, na semana encerrada em 22/08, os embarques de soja estadunidense totalizaram 411.165 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, o total já exportado no atual ano comercial alcança 44,2 milhões de toneladas, ou seja, 15% abaixo do registrado no mesmo momento do ano anterior.

Já para a nova safra 2024/25 o volume comprometido com exportações estaria em 1,39 milhão de toneladas na mesma semana. A China foi o maior comprador no período, demonstrando que, no momento, a competitividade da soja estadunidense está melhor do que a brasileira. Assim, com a melhoria da demanda chinesa, mesmo que nada de espetacular, as cotações da oleaginosa, em Chicago, tiveram um respiro positivo. Mas não se pode esquecer que a nova safra estadunidense, que começa a ser colhida ainda no mês de setembro, tende a ser muito boa. Um dos pontos-chaves, no momento, segundo a Consultoria Agrinvest é: "Ainda tem muita soja na China, na mão das processadoras. Soja do Brasil que foi carregada nestes últimos quatro meses e que está chegando lá. Em algum momento, isso vai começar a cair, mas ainda está confortável. E com os compradores de farelo "não convencidos" de que vai faltar produto, não adianta as processadoras comprarem soja se não conseguem vender farelo no mesmo ritmo. A demanda na China, pensando em vendas de ração, é 4% menor em relação ao ano passado."

Dito isso, a perda de competitividade da soja brasileira, em relação a dos EUA, se dá pelo aumento no valor dos prêmios no Brasil, onde já começaria a faltar soja em alguns estados, caso do Mato Grosso e Goiás. Isso ocorre pela menor colheita que tivemos nesta última safra. Com isso, já há necessidade maior de importação de soja pelo Brasil, pois os estoques nacionais deverão ser um dos mais baixos da história. Segundo estimativa da Consultoria PátriaAgronegócios, nossos estoques chegariam em 2,26 milhões de toneladas no corrente ano, os menores desde a safra 2004/05. Com isso, o Brasil deverá importar, no corrente ano, um total de 1,65 milhão de toneladas. No Paraguai, os operadores informam que "nunca houve tanta demanda de compradores do Paraná, do Mato Grosso do Sul, e tradings buscando soja dentro do Paraguai para levar ao Brasil e honrar os compromissos de exportação, principalmente". Com isso, é provável que neste segundo semestre as indústrias moageiras brasileiras continuem pagando um pouco mais pela soja em regiões como o Sul do Mato Grosso, Sudoeste e Sul de Goiás, e Triângulo Mineiro, praças que buscam garantir a soja em seu poder.

Por outro lado, na Argentina os produtores devem plantar mais soja do que milho, pois este último vem resultando em prejuízos importantes devido ao ataque da cigarrinha. Além disso, por lá a previsão de chuvas parece ser mais interessante para a soja do que para o milho. Com isso, a área de soja nesta nova safra, no vizinho país, poderá ser a maior dos últimos 10 anos. Em se confirmando, e a produção corresponder, haverá mais pressão baixista sobre os preços internacionais do produto no próximo ano. Neste momento fala-se de algo em torno de 2 milhões de hectares que sairiam do milho para a soja naquele país. Tanto é verdade que as Bolsas argentinas estimam a área de milho, em 2024/25, em recuo de 17% a 21%. Em contrapartida, técnicos consideram que, se houver um bom regime de chuvas em setembro, a redução na área de milho pode ser menor do que o projetado até o momento.

E no Brasil, os preços da soja, diante de um câmbio que se manteve ao redor de R\$ 5,50 e R\$ 5,55 por dólar, acabaram se estabilizando, porém, com viés de alta. A média gaúcha fechou em R\$ 115,82/saco, enquanto as principais praças do Estado se fixaram em R\$ 114,00. Já nas demais regiões brasileiras os preços da oleaginosa oscilaram entre R\$ 112,50 e R\$ 122,00/saco.

Dito isso, confirmando indicações anteriores, o sentimento é de que o aumento de área semeada com soja, no Brasil, nesta próxima safra, será o menor dos últimos 10 anos, com o total devendo ficar ao redor de 47 milhões de hectares. Isso se dará em função das margens menores que os produtores rurais vêm conseguindo com a atividade. Lembrando que o novo plantio nacional se inicia em meados de setembro, pelo Mato Grosso. (cf. Cofco) Segundo a Conab, nos últimos 10 anos, o menor crescimento na área plantada com soja ocorreu no ano de 2016/17, com alta de 1,98% sobre 2015/16.

Mesmo assim, é bom lembrar que, em clima normal, a nova safra de soja poderá gerar em torno de 20 milhões de toneladas a mais do que o conquistado na parcialmente frustrada colheita passada, devendo atingir um volume ao redor de 170 milhões de toneladas.

Enfim, os portos do Paraná exportaram 9,4 milhões de toneladas de soja nos primeiros sete meses do corrente ano, ou seja, um crescimento de 16% sobre igual período do ano anterior. Isso significa quatro vezes mais do que a média nacional, que aumentou apenas 4% no período, atingindo a 75,4 milhões de toneladas.

MERCADO DO MILHO

O primeiro mês cotado, em Chicago, fechou a quinta-feira (29) em US\$ 3,71/bushel, ficando em nível idêntico ao registrado uma semana antes. Isso, após ensaiar um pequeno recuo durante a semana.

Nos EUA, a qualidade das lavouras, na condição entre boas e excelentes, recuou para 65% no dia 25/08, segundo o USDA, contra 56% no mesmo momento do ano anterior. Por outro lado, 11% das mesmas estavam em fase de maturação, contra 6% na média histórica.

Já em relação aos embarques estadunidenses do cereal, na semana encerrada em 22/08, o volume atingiu a 894.295 toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Em todo o atual ano comercial os embarques já chegam a 51 milhões de toneladas, sendo 39% acima do registrado no mesmo período do ano anterior.

E, no Brasil, os preços do cereal voltaram a registrar viés de alta, com a média gaúcha fechando a semana em R\$ 59,19/saco, enquanto as principais praças se mantiveram em R\$ 55,00. Já no restante do país, os preços oscilaram entre R\$ 40,00 e R\$ 59,00/saco.

A colheita da safrinha estando praticamente encerrada, a oferta do produto diminui, fato que pressiona os preços para cima. Entretanto, a demanda externa e interna continua fraca. Já em relação ao plantio da nova safra de verão do cereal, até o dia 22/08 a mesma alcançava 4,2% da área esperada para o Centro-Sul, contra 7,5% um ano atrás. A estimativa é que a área de verão venha a ser reduzida em 3,5% no Centro-Sul brasileiro neste próximo ano comercial, devido aos baixos preços e o temor com o clima. (cf. AgRural)

Pelo sim ou pelo não, o fato é que a menor produção neste último ano deve levar o Brasil a deixar o posto de maior exportador mundial de milho, situação conquistada em 2023. Este posto havia sido obtido uma única vez, até então, no ano de 2013. Lembrando que no ano passado o país chegou a exportar um pouco mais de 55 milhões de toneladas. Para este ano de 2024 as estimativas mais consolidadas indicam um volume entre 35 e 38 milhões de toneladas apenas. Além da redução de nossa safra passada, igualmente “a recuperação da produção nos Estados Unidos, somada ao retorno de grandes exportadores como Argentina e Ucrânia, estão reduzindo nossa competitividade no mercado internacional”. (cf. Biond Agro)

Por outro lado, a Secex informou que nos primeiros 17 dias úteis de agosto o Brasil exportou um total de 4,6 milhões de toneladas de milho, o que representa 49,2% do total exportado em todo o mês de agosto de 2023. Assim, a média diária de exportação representa um recuo de 33,5% sobre agosto do ano passado. Espera-se que, em todo o agosto deste corrente ano, o Brasil consiga exportar entre 6 e 7 milhões de toneladas de milho, ou seja, entre 2,5 e 3,5 milhões a menos do que em agosto do ano anterior. Assim, entre fevereiro (início do atual ano comercial brasileiro para o milho) e agosto, nossas exportações do cereal somariam cerca de 14 milhões de toneladas. Para chegar ao menos em 40 milhões no final do ano comercial, em 31/01/25, o país ainda precisaria escoar 26 milhões de toneladas de milho, ou seja, 5,2 milhões de toneladas mensais. Não é impossível, porém, termos que fazer um esforço importante. E, mesmo assim, os estoques de milho ainda deverão ficar elevados para o início do próximo ano comercial, inibindo os preços.

Enfim, segundo o Imea (Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária), o milho disponível no Mato Grosso fechou a última semana na média de R\$ 38,77/saco, com uma alta de 2,41% sobre a semana anterior. Quando comparado à safra anterior, a cotação do milho naquele estado apresenta elevação de 13,24%. “Vale destacar que, o preço do milho, em 2023, foi fortemente influenciado pela maior oferta do cereal no mercado interno, devido ao recorde de 52,5 milhões de toneladas produzidos na safra 2022/23 no estado, e a comercialização em agosto de 2023 estava atrasada quando comparado com as safras anteriores”. Os técnicos do Instituto salientam que “apesar

da cotação, neste ano, estar maior, os produtores seguem preocupados, pois nos atuais níveis de preços não deverá ser possível cobrir todas as despesas que tiveram no ano 2023/24”.

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês cotado, após atingir o valor mais baixo em quatro anos (US\$ 4,98/bushel em 26/08), se recuperou, fechando o dia 29 em US\$ 5,25/bushel, contra US\$ 5,11 uma semana antes.

Nos EUA, a colheita do trigo de inverno estando concluída, o mercado se concentra na finalização da colheita do cereal de primavera. Neste sentido, no dia 25/08 o trigo de primavera estava colhido, naquele país, em 51% da área, contra 53% na média histórica. Daquilo que faltava colher, 69% se encontrava em condições entre boas a excelentes naquela data.

Por outro lado, os EUA embarcaram 537.179 toneladas na semana encerrada em 22/08, com o volume ficando dentro das expectativas do mercado. Assim, em todo o ano comercial 2024/25 o país norte-americano atinge a 5,1 milhões de toneladas, ou seja, 28% acima do embarcado no mesmo período do ano anterior.

E, no Brasil, os preços permaneceram estáveis para o produto de qualidade superior, ou seja, R\$ 68,00/saco no Rio Grande do Sul, junto as principais praças, enquanto a média local subiu para R\$ 69,13/saco. No Paraná, as principais praças ficaram em R\$ 76,00/saco.

As novas geadas, na virada da última semana, voltaram a causar problemas no Paraná e parte de Santa Catarina. Talvez também em algumas regiões gaúchas, onde o plantio foi realizado um pouco mais cedo. Segundo dados do Deral, no Paraná a maior parte das lavouras está em fase de floração e de frutificação, com cerca de 28% em maturação. No Rio Grande do Sul, 83% estavam em germinação e desenvolvimento vegetativo, e 17% em floração (cf. Emater).

Como se sabe, os preços internacionais e o câmbio são responsáveis por determinar em quais patamares estarão as paridades de importação e exportação nacionais. Se há escassez, é necessário importar e se há excesso, exportar. Para 2024/25, o Brasil deverá manter o ritmo de importações e, conseqüentemente, segurar as exportações. (cf. Safras & Mercado)

No mercado de trigo gaúcho, o cenário é de lentidão. “Os moinhos estão com os estoques bem abastecidos, enquanto esta baixa demanda resulta em uma moagem reduzida, gerando descontentamento no setor. Soma-se a isso o fato de que muitos lotes de trigo vendidos têm apresentado qualidade inferior à contratada, levando ao cancelamento de pedidos. Moinhos de outros estados, que adquirem trigo gaúcho, também têm relatado problemas de qualidade, optando por comprar apenas lotes com qualidade reconhecida. Já em Santa Catarina, a demanda restrita por farinhas está impactando negativamente a atividade dos moinhos. Aqueles que conseguem manter a qualidade das farinhas, a preços competitivos, ainda encontram alguma demanda, enquanto os demais têm preferido reduzir a moagem ao invés de correr o risco de

vender com prejuízo. Como resultado, alguns moinhos catarinenses estão prolongando seus estoques devido à falta de demanda ou viabilidade econômica. Para se abastecerem, muitos recorrem ao trigo do Rio Grande do Sul, que é o mais barato, aguardando a nova safra tanto do Paraná quanto do próprio Rio Grande do Sul. E no Paraná o mercado seguiu com ofertas de trigo tipo 1, safra 2024, CIF Guarapuava, a R\$ 1.550,00/tonelada, com pagamento sobre rodas e entrega imediata. Se a entrega for fora do estado do Paraná, ainda haverá incidência de ICMS. (cf. TF Agronômica)

Enfim, os EUA acabam de aprovar o cultivo do trigo transgênico HB4 da Agrocere, gerado na Argentina, em parceria com empresas brasileiras. “A autorização para a produção é uma de várias etapas para o trigo HB4 efetivamente chegar aos consumidores nos Estados Unidos. Este país é o quarto a aprovar a produção do trigo HB4 – após Brasil, Argentina e Paraguai. O cereal da Bioceres foi o primeiro trigo transgênico a ser desenvolvido mundialmente. No Brasil, o cultivo do HB4 já foi aprovado pela CTNBio, Comissão Técnica Nacional de Biossegurança, mas ainda está em fase de testes, em parceria com a Embrapa, principalmente em áreas de Cerrado – Goiás e Minas Gerais, mas também na região Sul do Brasil – Paraná e Rio Grande do Sul. O produto deverá chegar aos produtores para a safra de 2026. Segundo a empresa argentina, essa variedade é resistente à seca e produz cerca de 20% a mais do que uma semente convencional durante períodos de estiagem. No vizinho país a comercialização aos produtores começou este ano, embora a produção em áreas reservadas já viesse ocorrendo há algumas safras. (cf. AGFeed)